



O Chefe d'Estado em Braga.—O cortejo passando no Largo do Conde de S. Joaquim

(Phot. Belleza.)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia

83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado accresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

Numero 240

Braga, 2 de Fevereiro de 1918

Anno V

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29 — Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapeuta *Mgr. Kneipp*.
EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.
EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.
EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*
Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

Esculptura em Madeira

—E—

PINTURA Teixeira Fanzeres

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de imagens, bem como banquetas, douradas, belas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

Preços modicos

Contra riscos e guerra ferrestres e marítimos, grèves, tumultos e roubos, segura a *Companhia Luzo-Brazileira de Seguros*

SAGRES

Séde — Lisboa Largo S. Julião
19-2.º—Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sotomaior. — Agente em Braga, Amares, Povoas de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

Rua do Souto 105-1.º BRAGA

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos Harmoniuns, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.ª

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa, Numero avulso 300 rs. (moeda braz leira)



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

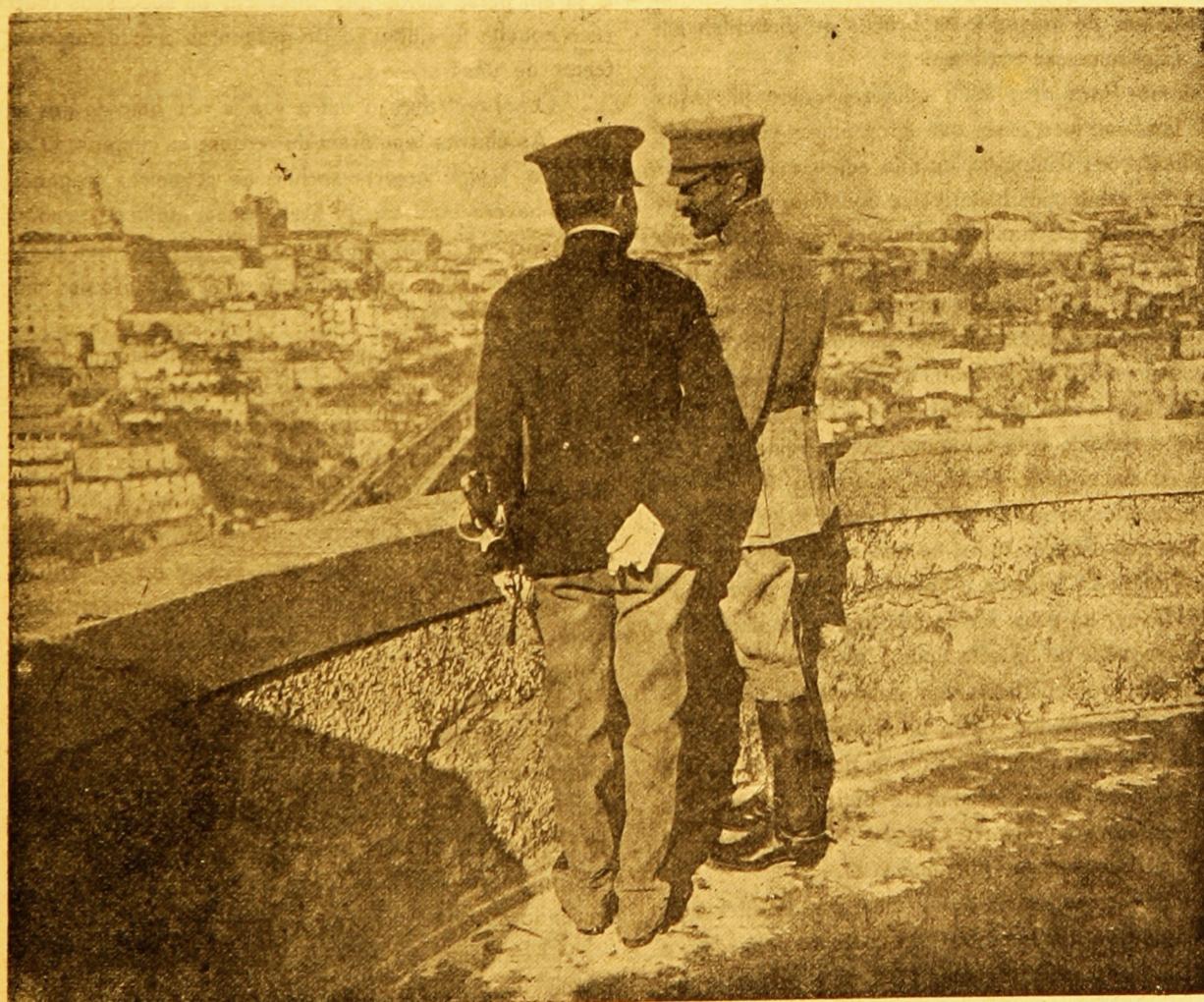
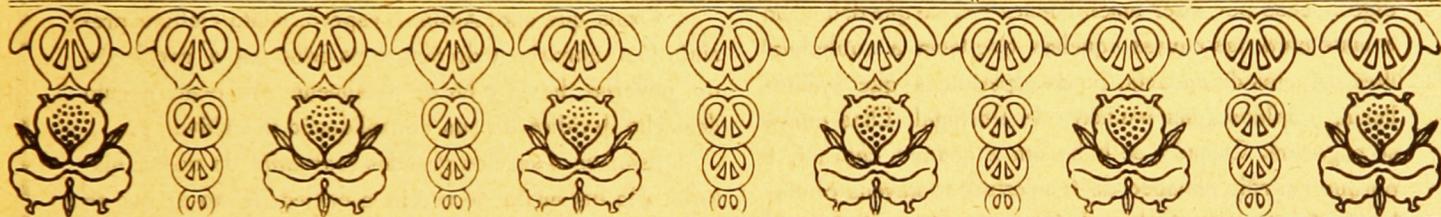
EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 2 de Fevereiro de 1918

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 240—Anno V



O SNR. PRESIDENTE DA REPUBLICA NO PORTO

Phof. J. Azevedo.

Sua Ex.^a apreciando a cidade d'um terraço do quartel de artilharia 6



CHRONICA DA SEMANA

Resposta a uma carta



A dias um amigo que ha bons oito annos deixei anarchista por Coimbra e vim abraçar no anno passado, ardendo em amor ás tradições da patria, escrevia-me de Barcellos, defendendo com o aureo broquel de suas phrases e de um sentimento cheio de gentileza, o gesto das mulhéres do norte que lançaram flores sobre o triumphador do 5 de Dezembro. Escusada defensão era essa, meu caro. Eu sinto, como tu, a justa consolação das mulhéres do norte tapetando de flôres, coroando de flôres o arriar de uma liberdade que—ai de nós!—parecêra haver morrido, com as esperanças do povo.

Mulhéres do povo que choravam nas estradas, senhoras que sorriam, vi-as eu tambem. Creio—e não o digo apenas por dizer amabilidades—creio que defendem a mais pura das causas aquelles que teem a sublinhar-lhes os actos de audácia, ou as esperanças que symbolisam, o aplauso das mulhéres de Portugal, Ellas nunca se enganam. Quando se indignam e quando choram, é porque um rôlo plumbeo de tempestuosas nuvens obumbra o céu do seu paiz de sol, é porque a tyrannia brame, os cárceres estão pejados de victimas innocentes e as gorjas estálam de raivas e os braços se distendem em ameaça. Ellas nunca se enganam.

Sidonio Paes deve tê-lo comprehendido já. Mas permite tambem, meu caro, que adorando a sinceridade das manifestações femininas, eu não suporte lo snobismo de certas exhibições histericas e doentias que surgiram em certos meios mulheris de *bom tom* cidadão, no Porto e em Lisbôa e que, agora tambem, foram o pratinho de meio de alguns commentarios acidulados de ironia, quando ha dez annos serviam de rastro caricatural aos paços do moço rei, exilado, n'uma outra viagem tão aclamada como esta do actual chefe d'Estado. E' que na mulher o ridiculo está a alguns centímetros apenas de distancia da sinceridade. Nella, o justo meio termo tem de ser escrupulosamente mantido. O exagêro, n'ella é a catástrophe que destroe todos os encantos. Que differença entre Philipa de Vilhena e aquella Amelia que apparecia de Mauser na mão, n'uma photographia da *Illustração Portugueza* de ha sete annos, ao lado de uns typos de heroes problemáticos com authenticas caras de patibulo, encarrapitados n'uma barricada da Rotunda, aquella Amelia cuja furia (que eu não posso dar aqui a adjectivação propria sem offender o pudor das senhoras que me leem) levava Alvaro Chagás a aconselhar-lhe que casasse para socegar por uma vez! . . .

Porque, fica-o sabendo, ha uma grande differença entre os aplausos das mulhéres do norte ao vencedor, e a insistencia com que reclamáram a sua presença ha dias, umas quantas senhoras, que os que em baixo moirejam, [chamam desdenhosos *as da alta*, n'uma exposição de arte na capital.

Declaro-te francamente que se fôra ao Dr. Sidonio Paes não accederia aos seus desejos. Nada! que amphã poderia suscitar deliquios como o indifoso rei expulso—notando-se desde já que este, ao tempo era solteiro, e o Sr. Dr. Sidodio não o é.

Não, não confundamos, meu caro, para que as nossas homenagens vão a quem de direito.

Esses aplausos e sorrisos que o chefe republicano recebeu no norte, coroados pelos da vélhinha sua mãe, foram os indicadores de que um recto caminho palmilhára o libertador, desde que ás 6 e meia da tarde do dia 5 de Dezembro passado subiu ao alto da Avenida até que veio tomar o pulso popular ás provincias libertadas. Será sempre crêdor d'elles?

Oxalá que sim! Assim o espéro, muito embora presente já o aproximar do ápice da crise que a revolução de governa havia e ha de fatalmente provocar, e cujo desfecho decidirá da sua consolidação definitiva . . .

Estamos n'um dos grandes *tournants* da nossa historia. Ha um mixto de receio e anciedade no ar que se respira, como na véspera de um acontecimento decisivo e já ahi pelos meios que discutem os successos reaparece aquella formilhação de perguntas que denunciam o temor de um fracasso . . .

O sol reatravessa outra vez o céu limpido das manhãs. As chuvas tapetáram de verdura as campos. D'aqui a pouco tempo aspirar-se-hão as primeiras fragancias da primavera em frescor. Mas podem tambem recahir as geádos, o sol tornar a fugir para os recessos dos nevoeiros crassos, e o mar voltar a rugir dia e noite, umas cóleras preságas . . .

De resto meu caro, a multidão continúa a divertir-se. Hontem a grande nave do Palacio era apinhada, de povo, curioso de vêr uns gymnastas cabriolando lá no alto sobre uns trapezios, uns jogadores de florête, e uns sujeitos bem fornidos de carnes, quase nus—e as galerias cheias de senhoras—fazendo *bras tendeurs* de 50 e 60 Kilos, esmurrando uma bexiga no *pushing ball* ou estafando-se mutuamente os queixos a punhadas de *bóxe*. Dizem que é a raça em pujança. O phisico triumphal

E todavia creio bem que aqui ha umas dezenas d'annos não haviam mamãs nem papás que levassem meninas a contemplar, as espáduas desnudadas de uns machos de forte arcaboço, como lhes poderiam mostrar um elephante, um leão, ou mesmo um pretalhão do Cuamato, de nariz achatado, beiços estendidos, e carapinha descendo a curta rampa dos sobrecênhos.

O Pelletan, se vivo fôra talvez repetisse o seu *le monde marche*, sem todavia avançar em que direcção marcha elle.

Eu perfiro dizer ao bom Zé-Povo que vae pela certa parar longe . . .

F. V.

Vida Intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Minho envelhecido

AMANHECIA... o auto resfolegou n'um estridor metallico e estacou como um monstro ferido. Já dominavamos o valle, o extenso valle da beira Lima, que o encanto d'uma noite de neve envelhecera n'um momento.

Surprehendia aquella paisagem inedita, unica de sonho e maravilha polar. Desaparecera o verde feraz dos campos, a côr sempre fresca e moça dos silvados e dos bravios, e ao derredor dos casaes brancos de cal, brancos de neve, os prados e as courellas, cobertos de geada pareciam monumentaes coradoiros, onde immensas lavadeiras de phantasia, andassem a corar o bragal enorme d'algun monstro invisivel. Gelava-se.

A natureza emmudecera nos ribeiros e levadas, nas fontes e nas bicas geladas n'um anceio cruel e só o Lima cantava longinquo uma litania amarga de saudade. As arvores suggeriam aspectos admiraveis, cobertas de neve,—braços que se abriam n'uma extranha floração de gelo e as coroas dos pinheiros, enoveladas, brancas como a cabeça d'algun mendigo de *studio*, pareciam-me biocas romanticas de freiras, que vestidos de geada tambem, os velhos e sombrios pinheiros, tinham qualquer coisa de monacal, de piedoso, de recolhido—sombria comunidade de contemplativos, sussurrando, pela voz religiosa do vento, psalmos e orações.

Ranqueu de novo o motor e aberto caminho no gelo fomos descendo para o valle pela estrada estreita, irregular, ao sabor dos outeiros e das encostas, por entre essas devesas emmaranhadas de neve, onde velhas carvalheiras seculares, coroadas de alvissimos flocos parecem, no capricho inedito com que se entreteceram meadas de magia, arvores tradicionaes de *reveillon*. A estrada vae descendo irregular, colleante como uma serpente immensa, que mordida d'uma sede mortal, fosse anceada para o leito do rio, por entre ineditos vallados envelhecidos, socalcos e agras empoadas como cortezãs, prados e devesas polvilhados de farinha como os pateos alegres dos moinhos em dia da azafama e de canceira. O spectaculo surprehende mas confrange, arripia. Deslumbra a nossa vista meridional desacostumada dos

gelos com o ineditismo d'aquelles tons e d'aquella luz, mas penetra a alma d'uma amargura cruel. A paisagem tem um bom ar de velhinha romantica mas falta-lhe aquella admiravel, juvenil, variedade de côres, aquella viveza de combinações, a sombra d'aquellas arvores, as canções d'aquellas fontes, e parece afinal entristecida como a boa velha olhando em derradeira hora de despedida tudo quanto foi. Dir-se-hia que a natureza envelheceu n'um momento, e é uma sensação de cansaço, de velhice que nos offerece aquella paisagem branca nascendo do leito d'um rio e ondulando em dobras de capricho como um lençol enorme até ás cristas enfarinhadas dos montes. O Sol espreita a medo, n'um sorriso pallido, de velhice tambem, receando aquelle frio, sentindo-se sem força para vencer, reduzir, aquelle mar de gelo, nos casaes penacham fumos de lareira, negros ennovellados como presagios crueis e a vista cança-se, olhando tanta brancura e segue fatigada aquelle continuo aspecto de duna monotona, aborrecida.

Decedidamente o Minho envelheceu n'uma hora, perdeu a frescura, o viço, o encanto e vive n'estes instantes de neve, corcovado e tropego como um pedinte, á espera que o sol esplenda oiro e calor, reduza aquelle gelo mortal e lhe restitua a magia das suas côres, os juvenis aspectos da sua paisagem unica, admiravel, que ha-de irromper d'aquelle gelo, n'uma eclosão de grandeza e de luz como as ondas d'um mar polar irrompendo bravas e dominadoras, ameaçando os *icebergs* longinquos, n'uma oração fremente ao sol que de novo as redimiu...

Na ultima chronica os snrs. typographos fizeram positivamente, tropelias. São tantas e tão disparatadas as gralhas que não podem fiar sem este reparo e posto que nenhuma aponte, pois para isso, seria necessario repetir o escripto, peço ao leitor que me perdoe, que sob responsabilidade do meu nome, sahisse tantos e tão variados disparates. E a vêr vamos se... se emmendam de vez.

SERÕES AMENOS

DE FREY GIL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA FALPERRA.

XII

Aventuras do alfabeto



DEBAIXO dos pés se levantam os trabalhos,
e é bem verdade!

Precisamente quando me dispunha a cantar aquella palinodia sobre a letra *L*, que encheu os nossos serões *X* e *XI*, chama-me a ferreiro o mimoso poeta *Joavelino*, tentando-me para que descomponha a letra *H*...

Eis o caso: não se sabe porquê, aquelle meu amigo, illustre collaborador dos *Echos do Minho*, ao romper êste anno, desembuçou-se da sua capa á hespanhola, reforçou mais nervoso as guias do refilão bigode e, mal humorado, escreveu a chronica *A mulher*, publicada nos *Echos* de 3 de Janeiro. Depois de coar por Manuel Bernardes um passo de Santo Epiphanio, onde se lê que «*Eva*, na lingua hebraica, pronunciado sem aspiração significa mulher, porém com aspiração, *h*, significa serpente» — faz varias considerações sobre a maldade das mulheres e conclue: «*Contentemo-nos portanto em ver as mulheres sem H, que deve ser letra muito perversa, visto que é causa de tantos desvarios*». E, aqui, teve o mau sestro de me nomear, acrescentando que eu sou «*muito capaz de fazer do H a escada por onde se desce aos infernos*».

Eu sou capaz, meu caro João Avelino, até de provar, com um *H*, que o senhor tanto é João como Annibal!... O amigo não calcula de que é capaz um homem que descobre a sua incapacidade absoluta para tudo que não sejam estes serões de preciosa e apreciada futilidade!

Mas vamos, por hoje, ao *H*.

Dizem bons auctores que esta letra, (se letra é!) corresponde, com effeito, ás aspirações forte e fraca dos grêgos — e ao alfabeto grêgo me cinjo, porque para êsse me guiou o sr. Joavelino. Ha quem diga, até, que a sua propria forma —) — (foi tirada da aspiração fraca), unida á aspiração forte (por meio de um traço, ficando assim) —).

Ora quer isto seja verdade, quer não, é um facto que as três principaes palavras que na lingua grêga significam os infernos começam por vogal e a vogal inicial tem a aspiração, tem *H*... E sendo assim já temos que em grêgo o *h* é, pelo menos, a porta de entrada dos infernos. As três palavras são: *Hades*, o inferno, aquellas tristes mansões para onde a ira de Achilles mandava prematuramente as almas dos heroes, e para onde nós, quando estudavamos grêgo, mandavamos a rabugice do professor, ao traduzirmos o facto, logo no terceiro verso da *Iliada*:

... psychas Haidi proiapsen

Heroum...

Lá está o *H*. A segunda palavra é o *Orco*, o reino de Plutão, inferno. Porque embora *Orcos* propriamente

seja o nome de Plutão, tomaram-no os poetas pelo proprio inferno, como Propercio, quando chamava a Minos *arbiter Orci* e Virgilio, naquella descripção da morte de *Dido infelice* (1) — a dos dois maridos! — que me repuxou alguidares de lagrimas quando estudei a *Eneida*. Lá vem o

Stygioque caput damnaverat Orco.

E no *Orcos*, em grêgo, lá vem a aspiração, o *H* da entrada!

A terceira é o *Acheronte*, rio do inferno, pelos poetas muitas vezes tomado extensivamente pelo proprio inferno. Não se referia, com certeza, a esse negro e profundo rio das lagrimas, de Milton, no *Paraíso perdido*:

Sad Acheron of sorrow, black and deep

o nosso Virgilio no famoso verso:

Flectere si nequeo Superos, Acheronta movebo!

«senão dobrar os deuses, moverei o inferno!» Lá tem o *H* inicial, em grêgo!

Desprezadas outras miudezas, temos provado que nos três nomes do inferno a porta de entrada é um *H*. Mas *Joavelino* falava na escada por onde se desce *nella città dolente!* Pois tambem se prova que o *H* não só é porta, mas é porta de escada a descer! Bastará observar que a aspiração, o *h*, em grêgo, não se escreve na linha, mas ao alto, por cima da vogal. Parece que os antigos latinos tambem não escreviam o *h* na linha, mas por cima della, como nós agora os accentos; assim Aulo Gellio affirma ter visto um codice antiquissimo, talvez de Virgilio, em que os *hh* estavam todos sobrepostos ás letras. E era logico. Porque já o famoso Gopropio — um cavalheiro que escreveu um livro para provar que a lingua falada no Paraizo era... a sua, o hollandez! — notou a respeito do *h*, que a sua significação na lingua primitiva era elevação, altura, etc. *quod spiritus sursum feratur!* Porque a aspiração tende para o alto.

Provado aquillo a que me obriguei, noutro serão defenderei as mulheres dos maleficios do pobre *H*, que não é tão mau como o pintam, afinal. Ahi veremos, com a Biblia na mão, quanto o *H* contribue, em hebraico, para a felicidade conjugal.

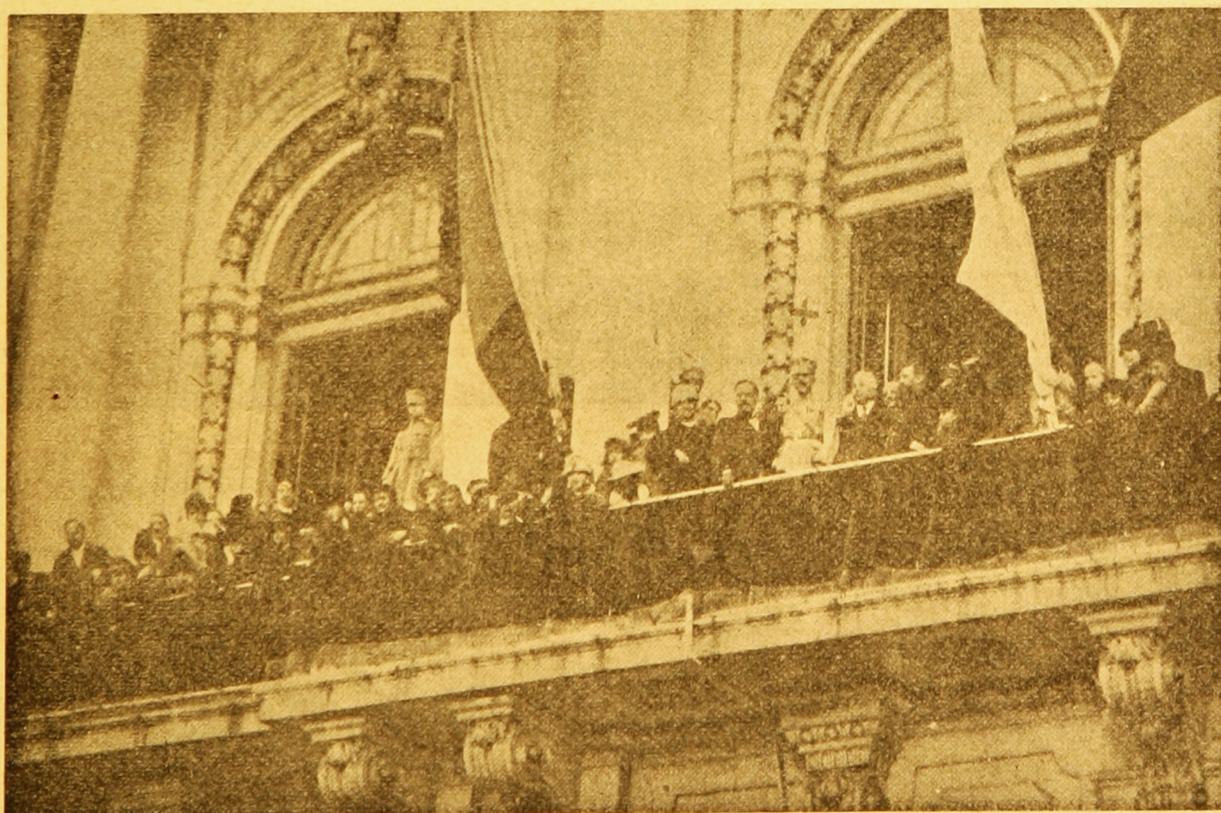
Fica feito o aviso a todos os casaes malavindos!

(1) *Dido infelice, triste fado correas*
Morre-te um; foge-te outro, morres!

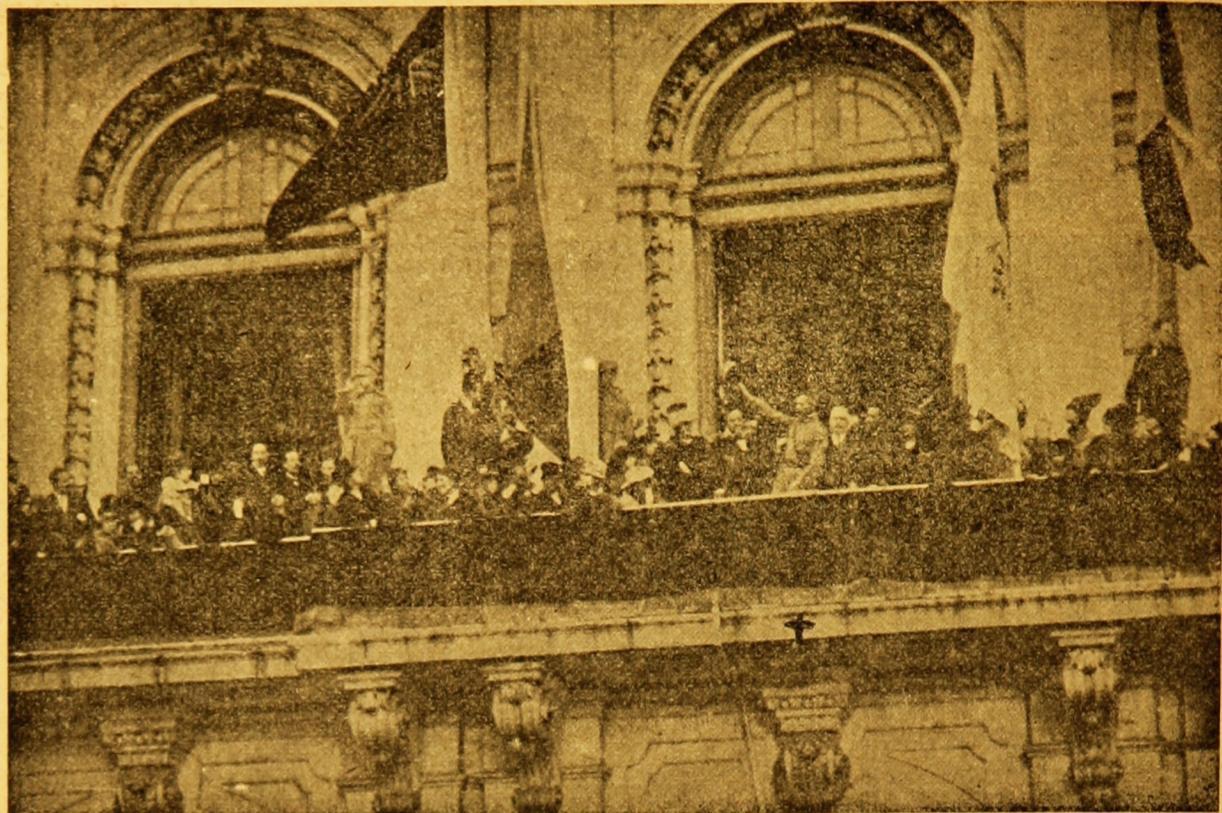
Chogada a Lisboa do Chefe d'Estado



A manifestação a través das ruas da capital



A' janella da Camara de Lisboa—O cumprimento militar

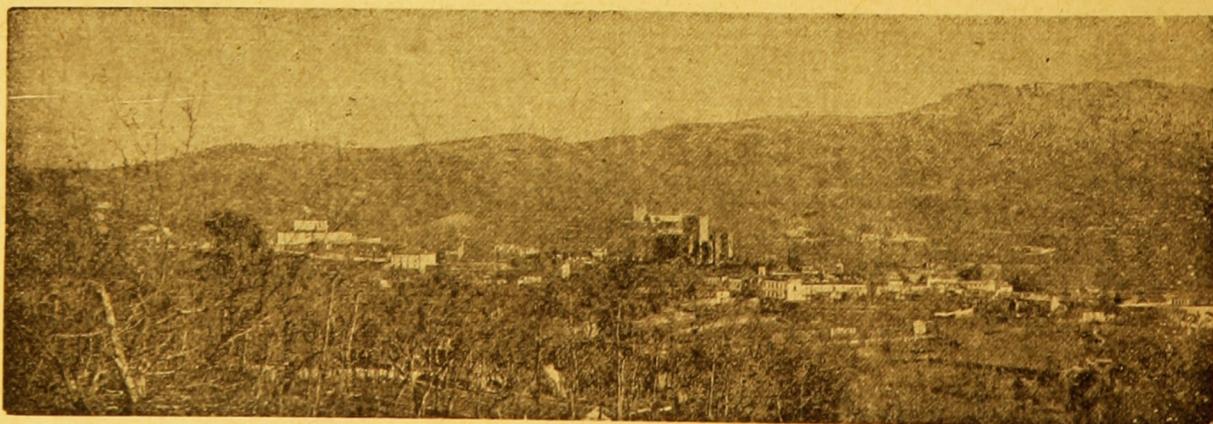


LISBOA.—Agradecendo ao povo

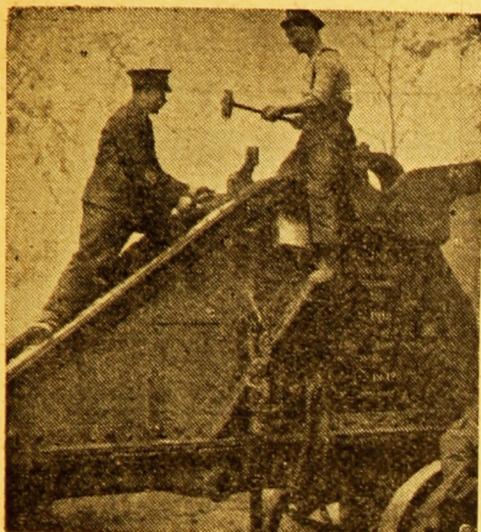


O povo em frente da Câmara Municipal

Phot. C.



GUIMARÃES—Um aspecto da cidade, onde o Chefe d'Estado foi alvo d'uma grandiosa manifestação



Montando um canhão de grosso calibre

Guerra Europeia



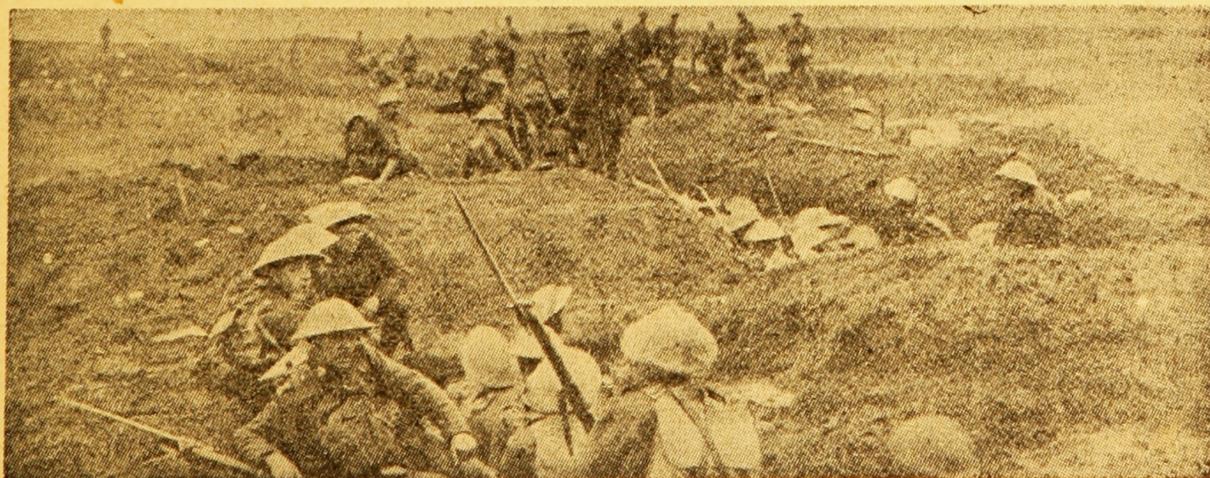
Um prisioneiro allemão com os despojos



Lloyd George, grande politico
inglez cujo discurso ácerca da paz
tem dado assumpto a varias
discussões.



Miss Madge Tolleadge entregando a Mr. Robey um cheque para a subscrição
dos fundos da guerra. A en'rega foi feita junto a um *tank*

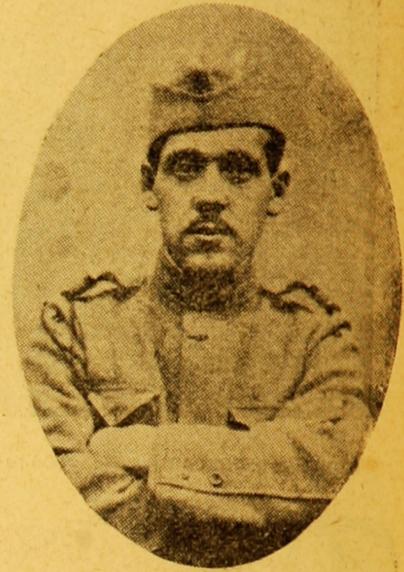
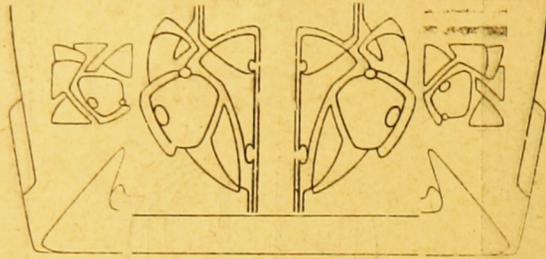


A vida nas trincheiras

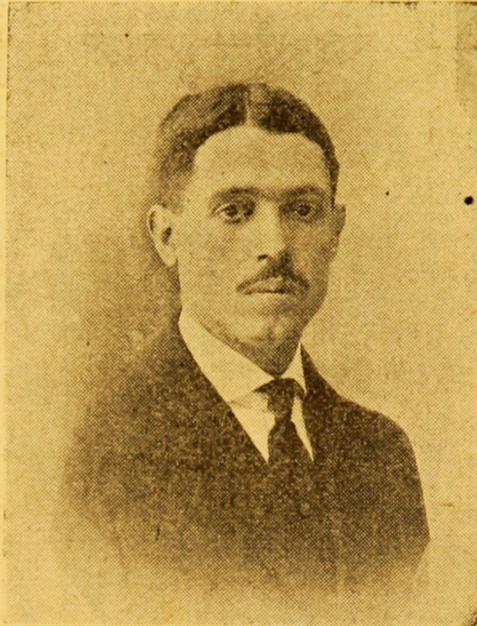
Portuquezes na guerra



Francisco Goes d'Oliveira
Vagmestre de infantaria 8



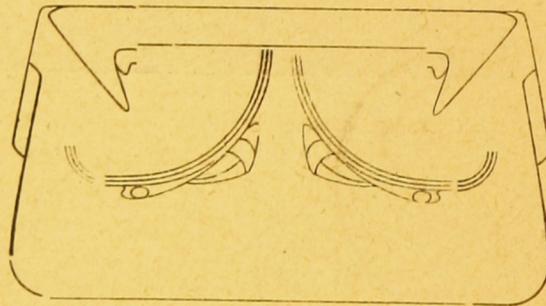
Joaquim Oliveira, 2.º sargento
especialista d'armes farpadas



Capitão de infantaria 20, José Vieira de Faria,
heroicamente morto na França
em julho passado



Abilio Dias d'Oliveira especialista
de gazes asphixiantes



Antonio da Costa Fonseca 1.º sargento

A prisão de Caillaux



M. Caillaux, que matou
Mr. Calmete,
director do Figaro



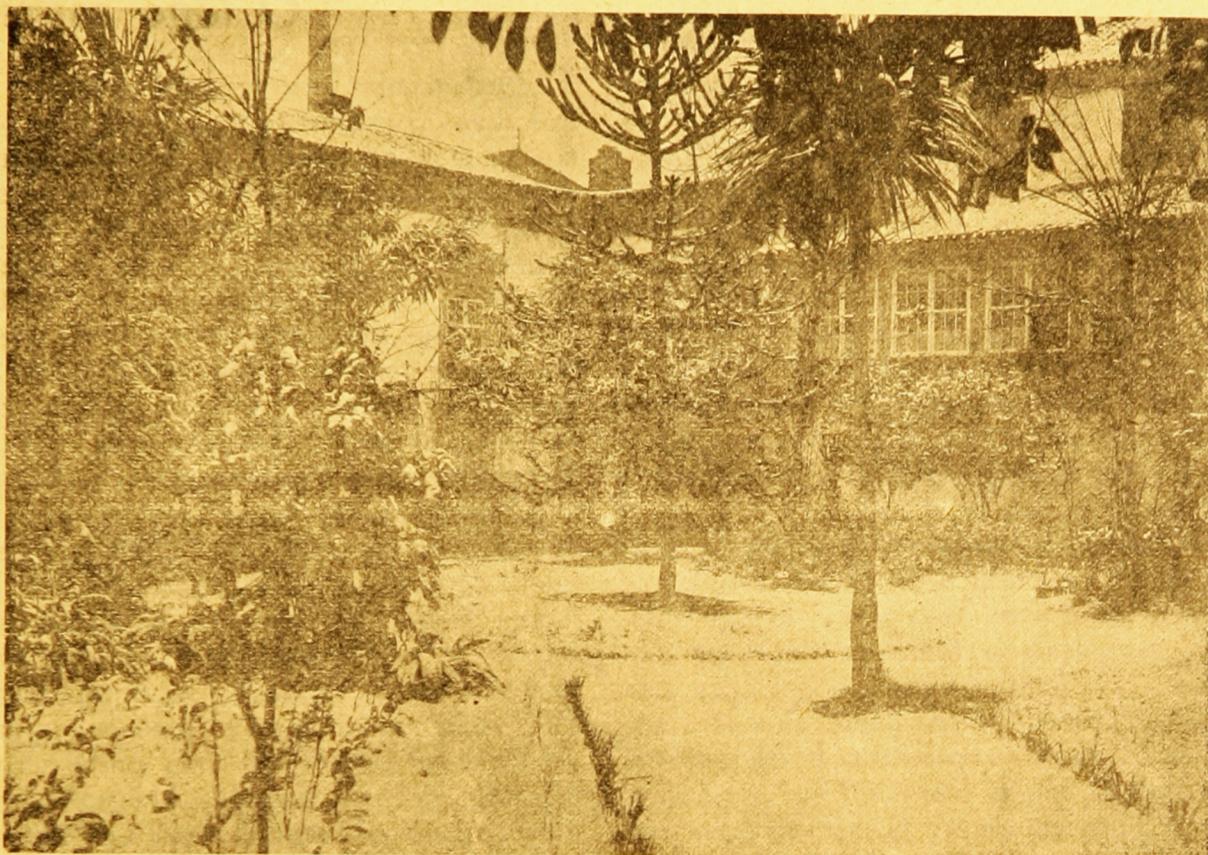
Mr. Calmete director de Figaro no seu gabinete onde foi assassinado



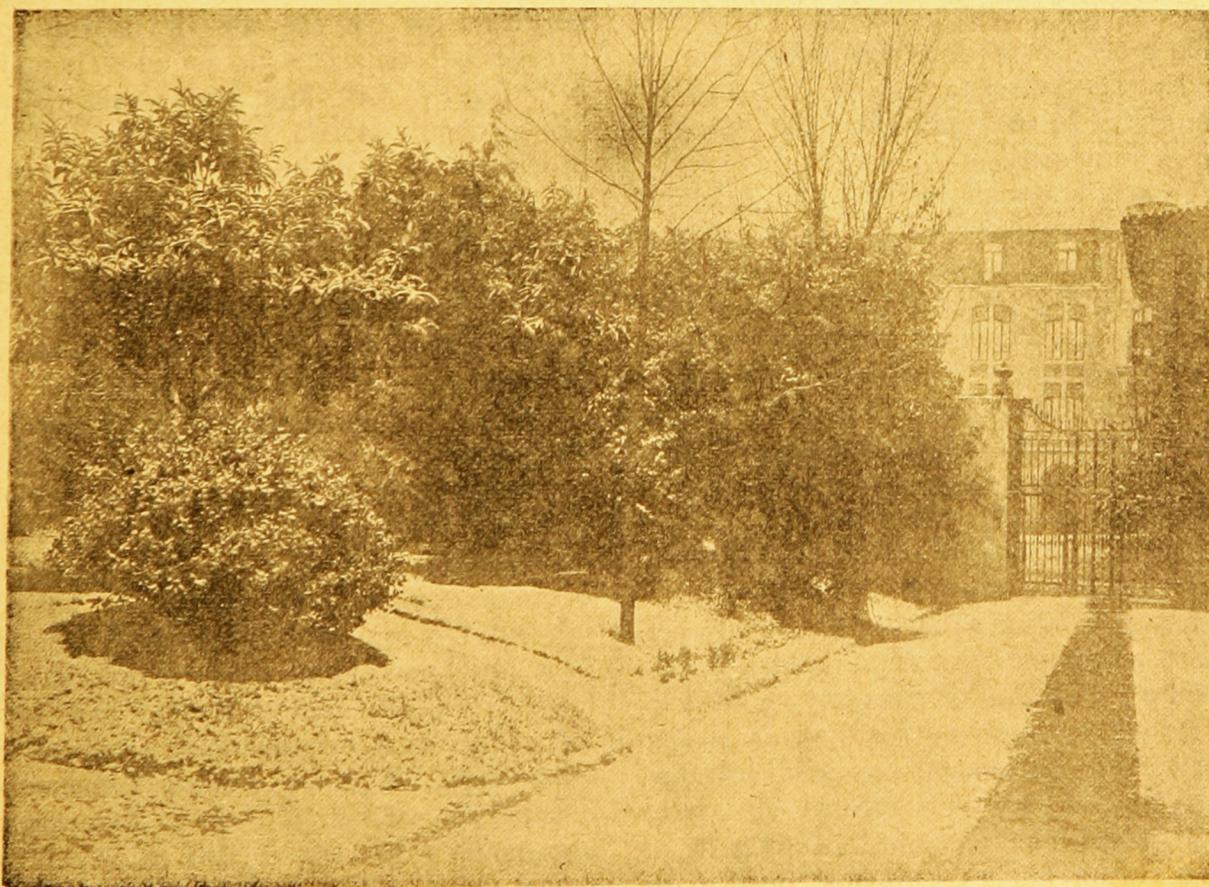
Mr. Caillaux
chefe radical, em França
preso por suspeitas
de alta traição.

A neve nos jardins do palacete do Passadiço

BRAGA



O bello aspecto do jardim do palacete do Snr. D. José de Dion no dia da ultima nevada



Outro aspecto do jardim

(Phot Belleza).

A Alleluia em Jerusalem

Por Eduardo de Noronha

O fogo sagrado



O fogo entra com extrema frequência nas cerimoniaes religiosas do Oriente e até do Occidente. Constitue um dos elementos mais aproveitados para catechizar e deslumbrar as massas de imaginação viva e sentimentalidade impressionavel. Nos adeptos da religião grega orthodoxa arreigou-se a crença que, desde o ultimo suspiro sôlto por Jesus Christo, o fogo se apagára á superficie da terra e que só torna a fazer a sua apparição no momento da Alleluia, accêso de novo pelo Espirito.

A cerimonia que n'essa occasião se pratica dentro da basilica do Santo Sepulchro, no meio da pompa heteroclitica do seu interior, da opulencia estonteante dos seus thesouros, da multiplicidade phantastica das suas capellas, da discordante singularidade dos seus altares, em presença de quantos sacerdotes e leigos transitam por Jerusalem e se comprimem dentro do sacratissimo templo: frades de todas as ordens, monges de todas as communhões, peregrinos coptas, popes gregos, russos, abyssinios, christãos do Levante, fieis idos de todas as nações do globo, é das mais extraordinarias das effectuadas em todo orbe christão.

Os preços para obter um logar, para assistir ao especialissimo festival, por mais incommodo e até perigoso que seja, attingem sommas fabulosas.

A's seis horas da manhã não existe já uma parcella minima de logar dentro do corpo da egreja. A custo a soldadesca turca abre caminho, á força de vigorosas coronhadas, aos padres que desempenham funcções no symbolico ritual. Com difficuldade e couce das armas fende uma estreita faxa por onde deslizam, como duendes de pesadêlo afflictivo, os padres actores da allegorica funcção.

Após a realização da festividade propriamente religiosa, que se effectua com respeito e veneração, desmancham tudo quanto serviu para ella, com a maxima rapidez e zelo demolidor. Os devotos, para não se lhe chamar fanaticos, arrancam os bancos, levam os tocheiros, desarmam os gradeamentos, apeiam as lampadas ao alcance dos seus braços, tiram as tapeçarias, despregam os enfeites, desprenhem os atavios, despem de tudo quanto é susceptivel d'isso a santa capella.

Organizada a procissão, contorna por tres vezes o recinto sagrado. As tres voltas consummam-se á força da supina paciencia e de não pequeno numero de cotovelladas. O apertão n'esse instante excede o de uma prensa hydraulica em plena actividade. O patriarcha e os seus coadjucores, vestidos com os seus offuscantes paramentos, despojam-se das casulas e vestes demasiado embaraçosas. Apenas ficam com a alva, como se puzessem mais á vontade para uma labuta exigente de extrema energia.

A já compacta massa humana ainda mais se une, ainda mais se opprime. Forma agora como um todo onde não se distingue nada. As cabeças, os membros, os bustos, os sexos, os trajes tudo se amontôa, se funde e se dilue no informe conjunto. Achatam-se n'uma pressão formidavel mais de quatro mil sêres onde seria já milagre encaixar metade. Ahi se esborracham, repetimos, representantes de todas as raças do Universo, viajantes de transatlanticos, excursionistas de linhas ferreas, jornadaes dos vehiculos mais disparatados, cavalleiros das montadas mais diversas, peões de compridas e extenuantes marchas de mezes. Nem um só deixa de vir provido para o estranho ceremonial de um ou mais molhos de velas de cera, que conservam na mão com a maior cautela e que defendem com prodigios de equilibrio de se amachucarem ou derreterem,

Os higumenos penetram na capella, fecham-se por dentro e murmuram preces adequadas á emergencia. De subito, após um silencio de ermo que succede a um sussurro de enxame de bezouros, ouve-se o som metallico de uma sineta que tange por cima da capella. Entreabre-se a porta d'esta e transpõem os seus humbraes dois acolytos, que se precipitam para fóra de brandões accesos, que erguem e sacodem em meneios bruscos, com as mãos crispadas na parte inferior. Do seio do recinto, são passados para fóra, por alguns buracos redondos, feilhos de proposito para esse acto, mais fachos que emissarios aguardam e recebem com impaciencia. A esses emissarios incumbe a almejada missão de ir levar o *fogo sagrado* aos templos dos varios ritos cujos representantes ahi se encontram.

(Continúa).

QUADROS

XIV

UMA HUMILDE

A' distincta Professor Ex.ma Snr.a
D. Helena dos Santos Alves

Dia de festa, Ouviam-se creanças.
—Eu sei que minha avó era marquezã...
—E a minha era de tão azul nobreza,
Que a serviam dez mil e tantas lanças...

—E eu sei que minha avó nas suas franças
Punha travessas d'oiro; era princeza...
—Emquanto a minha se sentava á meza,
Tocavam lyras e rodavam danças...—

Uma criança pobre ao lado ouvia,
Humilde, grave, de profundo olhar,
Curvando a face a tanta primazia.

—Mas tu não sabes nada, Guiomar?—
Perguntaram-lhe enfão com ironia...
E ella, simples:—Sei ler e sei rezar!

José Agostinho.

AO BANDOLIM DO CORAÇÃO

VIII

AO LUAR

Cai o luar
Tão devagar,
Que a gente nem no vê cair;
Cheia de graça,
A lua, passa
A olhar, a olhar, a rir, a rir!..

E eu, triste, sem
Falar a quem
Pode alegrar-me o coração,
Devoro oculo
O fero insulto
Desta penosa solidão!

Ide, meus ais,
Ver se a acordais,
E se a fazeis sonhar de amor!
Tanta saudade
Em tempestade,
E ella não ouve o seu fragor!

Joavelino.

Sine Labe!

(Acróstico
inspirado n'um soneto de Gomes Leal)

Seja o teu doce Nome, em toda a bôca
— Immaculada! — como um mel divino!
Namore o teu Sorrir todo o destino,
Em fêrvido rezar, em ância louca!

Lírio! — és mais que o lírio na Pureza!
Aurora! — és mais que a aurora no fulgôr!
— Bemdita! oh sê bemdita em nosso Amôr,
E em nossa crudelíssima tristeza!

... E pois que o teu olhar consola e salva,
Dá-nos, e á Patria, um longo olhar suave!
— Oh! *Sine Labe!*
Estrella d'Alva!

Dia da Immaculada, 1917.
Vaz Pinto.

Minha irmã

Minha irmã é um anjinho
Que, mal presente os meus passos
Vem, pressurosa, a meus braços,
Cheia de riso e carinho.

Oh! não é mais puro o arminho
De que os seus ternos abraços,
Nem mesmo a luz dos espaços
Ou a flor do rosmaninho,

Seu olhar é fundo e lindo
Como o puro azul infundo...
— Mal se vê, não mais esquece...

Brinca tanto ao pé de mim...
Corre, salta, até que enfim,
No meu collo se adormece.

Francisco Sequeira.

Um conto sobre episódios da guerra

Por J. Còrte Real d'Albuquerque.

(Continuação)

ERA noite de Natal!
Pelo espirito do enternecido mas heroico soldado perpassava uma commovedora visào da sua patria longinqua.

N'um recanto do seu amado Portugal, numa pequena aldeia alegre e risonha da sua querida Beira, e n'aquelle casebre limpo e pobre onde vivera, até á sua partida para a guerra, aquelles a quem muito queria, a mulher e o filhito, esperavam talvez o seu regresso breve.

Que saudades lhe aviventam estas recordações!... Elle alli, no seu posto de honra é verdade, mas são longe d'aquelles que lhe são caros, e n'esta noite outr'ora de festa e alegria.

Havia calma nas ilhas, e apenas o canhão ia entoando, de tempos a tempos o seu hymno de morte e de luto.

Passou uma granada silvando, como o sibilo do vento nos braços nus das velhas arvores, que ali proximo se recortavam no fundo escurentado da noite como espectros descarnados gemendo a sua dôr, como mortos lugubres que a guerra ali juntára, os braços n'uma estranha supplica para o ceu que se estrelava.

E o pobre soldado revia, como n'um kaleidoscopio, a sua vida, a noite de Natal na sua aldeia banhada pelo luar em manchas vivas de sombra e claridade... a consoada... a velha egreja... o santo Prior apresentando aos beijos devotos o lindo Menino Jesus... O presepio de uma ingenuidade simples, mas sempre admirada, de decoração... e cá fóra, pondo chapadas intensas de luz na frontaria da egreja e no terreiro, o tradicional cêpo de carvalho a arder, n'uma como opoteose de paz e de alegria..

Depois a saída, os velhos cantos, as lôas devotas ao Menino Deus, sons claros de frauta pastoril.

E, recordando, as horas de vigia, outr'ora sempre lentas, pareciam-lhe agora mais rapidas n'aquella visào longinqua que lhe enternecia o coração e avivava a inseparavel saudade do seu lár.

Nem em rudes combates, quantas vezes arriscando a vida, elle sentiu a mais intensa comoção do que n'estas horas de recordação e de sonho.

Amanhecia.

Das bandas do Oriente uma claridade, mal vaga e indecisa ainda, começava, n'uns tons de ouro e purpura, a iluminar a cupula do ceu.

A luz ia crescendo em gradações mais vivas, e a purpura esbatendo-se em tons de amarelo mais claro e brilhante.

Agora estendia-se já por todo o horizonte, desenhando nitidamente os contornos, ha pouco ainda indecisos na semi-obscuridade da noite.

Mais intensa a claridade subia, e o sol rompeu n'uma eclosão de luz...

Passos se aproximaram e puzeram fim ao devanear do moço soldado portuguez.

Uns dias passaram e o heroico soldado, sobre cujo peito forte brilhava já uma condecoração de guerra, voltou ao seu posto de honra na primeira linha.

Era noite, porem uma d'essas noites de inverno sem lua, em que a neve parecia uma longa e alva mortalha para os corpos d'aquelles que baqueavam victimas d'esse monstro insaciavel, que se denomina à guerra.

Clarões intensos entrecrusavam-se no espaço, e ao sibilo das granadas casava-se o rugido dos canhões, cujas boccas hiantes vomitavam incessantemente o fogo e a metralha, n'uma orchastração phantastica de sons e de còr.

Uns como meteoros riscavam caprichosas curvas de luz no azul do espaço, e das linhas observava-se com emoção e interesse a trajectory d'esses seres alados, cuja aproximação se fazia notar pela trepidação mais intensa do motor.

Eram os aeroplanos na sua missão de morticinio e de vigia.

Preludiava-se um d'esses ataques nocturnos, tão repetidos agora, mas cujas vagas de assalto se iam quebrar contra a obstinada e heroica resistencia das forças aliadas.

Numerosas manchas escuras se moviam sobre a neve.

Rebentou violenta o fusilaria, a que se juntara o crepitar seco e repetido das metralhadoras.

Granadas, explodindo, convulsionavam o local do combate.

Repulsado o inimigo com pesadas perdas, foi ordenado depois um contra-ataque.

(Continua).

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestatos, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Aljubarrota.

OS veneridos revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero



Estampas

para enthronização do S. Coração de Jesus.
pressas finamente a duas côres. Cada exemplar, 60 rémis
Pelo correio, 65 rs.

Pedidos á administração dos «ECHOS DO MINHO»

BRAGA

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

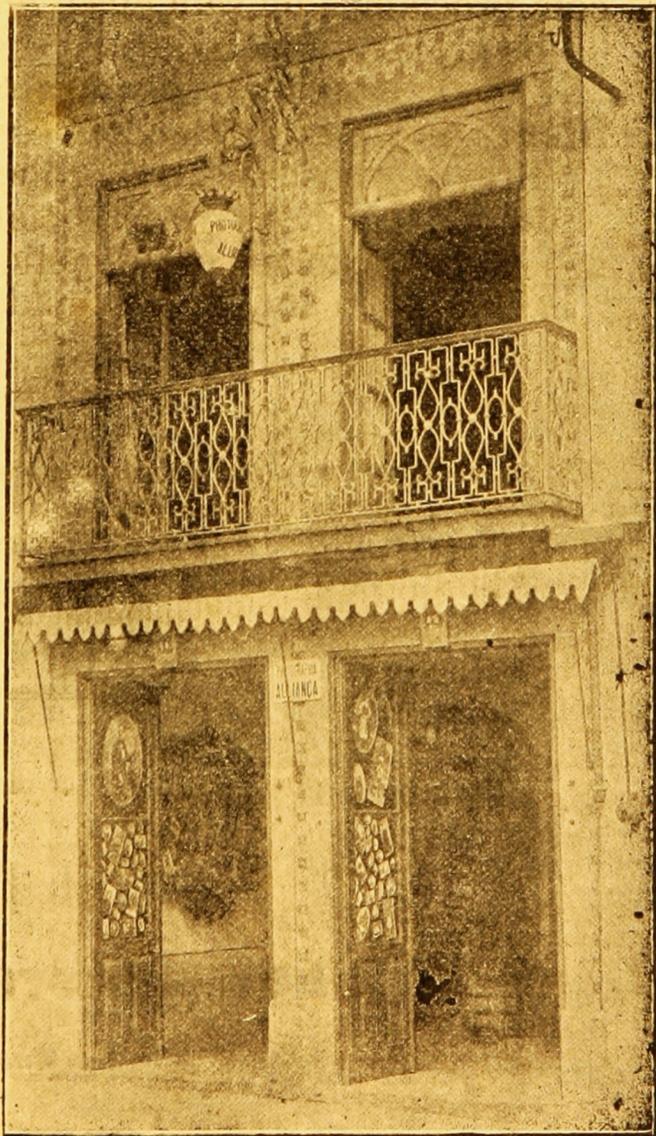
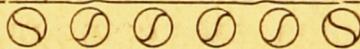
BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrucção Primaria..



PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA

44, Praça Alexandre Herculano. 45

BRAGA

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA